

# O Problema de Marrocos

A nova atitude perante toda a política tendente a aproximar-nos da Espanha diminuindo-nos, através de combinações que levem em si ameaças futuras de absorção ou reduções de soberania, — é a de quantos em Portugal servem e amam a sua pátria, nos mais diversos campos políticos, com pureza de alma e consciencia do que somos.

Reputamo-nos uma nação e uma pátria nítidamente diversa de nação espanhola. A História, a nossa actividade heroica dos séculos maiores, emancipou-nos definitivamente da Espanha. A união ibérica é, para nós, uma impossibilidade, e até um entendimento aduaneiro nos viria apenas a ser prejudicial.

A nossa situação presente e a tradicional política da Espanha a nosso respeito, impõem-nos reservas. Temos de fortalecer as nossas possibilidades, desenvolver o imenso poder inaproveitado que somos e esperar que na política espanhola surjam condições que nos dispensem justíssimas apreensões.

No entanto, desde já, convictos das grandes vantagens comuns dum maior entendimento entre as nações da Ibéria, não nos repugna, antes nos tenta a tarefa mais lógica de uma aproximação que nos revele melhor uns aos outros e, da Espanha hegemónica e absorvente de hoje, pela revelação e harmonioso acordo dos seus núcleos étnicos, emancipados mas empenhados face a um ideal comum de grandeza ibérica, — faça surgir a possibilidade serena dessa harmonia, servindo êsse ideal, de acordo com os nossos interesses e sem a menor diminuição da nossa soberania.

Dentro dêste ponto de vista, serviremos a boa causa duma aproximação crescente através dum mais justo e íntimo conhecimento mútuo.

E' o que fazemos hoje, dando, sobre o problema que mais apaixona a Espanha, a opinião dum dos seus mais lúcidos estadistas: Dom Francisco Cambó.

Extraímos as passagens que seguem do discurso pronunciado pelo ilustre político catalão no Congresso de Madrid.

**O problema de Marrocos não é um problema colonial ou militar. E' apenas um problema politico**

«Tem-se dito, e eu respeito essas opiniões, embora me não convençam, que Marrocos é para nós

um problema estratégico, um problema militar; que a nossa presença em Marrocos melhora a nossa posição estratégica ante a eventualidade duma guerra. Nunca se pode compreender tal coisa.

O estreito de Gibraltar!... Mas há por acaso quem sonhe a eventualidade duma guerra de Espanha com a Inglaterra? Seria êsse o único caso em que por nós poderia ser discutido o problema do Estreito.

E neste caso de que nos serviria ter um exército em Marrocos? Para render-se, para nada mais, porque nos seria impossível aprovisioná-lo.

## Porque está a Hespanha em Marrocos?

Marrocos é para Espanha um problema político. E nada mais que um problema político. Estamos em Marrocos, não por nossa vontade, mas porque a tal fomos obrigados, porque o litoral norte de Marrocos é uma importantíssima peça no problema do equilíbrio mediterrâneo; e nós próprios não somos também mais do que um elemento dêsse complexissimo organismo, um elemento útil a alheios, não ao nosso interesse, porquanto facilitamos assim a concordia entre a Inglaterra e a França no equilíbrio do Mediterrâneo. Nós estamos na costa Norte da Africa, dominando o estreito, porque a Inglaterra não quer, não pôde consentir que uma outra potencia ali esteja, outra potencia, que, no caso de uma luta, lhe arrebataria a sua liberdade do estreito.

Para a Inglaterra a liberdade do Estreito é essencial, é toda a sua política do proximo e extremo Oriente, é Chipre, é o Egipto, é a Índia, é todo o seu império Colonial. Para nós, que importa? — para nós que somos uma península com uma frente para o Mediterrâneo, outra para o Atlantico, que importa a liberdade do Estreito?

## O interesse da Inglaterra

A Inglaterra quer que estejamos em Marrocos, não por nós mesmos, mas para que não esteja lá, hoje, a França, para que não estivesse lá ontem a Alemanha, ou outra qualquer potencia com quem possa vir um dia a combater.

Mas a Inglaterra, ao resolver esse problema, não

nos exigiu jamais que ocupássemos a totalidade da nossa zona, porque tal coisa não lhe importa; nem nos impôs realizassemos, desta ou daquela maneira, uma obra de protectorado, ou nos arruinássemos para lhe prestarmos o serviço que lhes estamos prestando. Nunca o pediu...

Mas se o pedisse e o seu pedido nos obrigasse a enormes sacrifícios em Marrocos, entendo que seria chegado o momento de recordar-lhe que a liberdade do Estreito tanto se mantém estando nós em Africa e ela em Gibraltar, como nós em Gibraltar e ela em Africa.

#### **O que deve ser a missão da Hespanha em Marrocos**

... Eu entendo que a nossa missão política, o nosso dever, perante os nossos amigos, França e Inglaterra, e o interesse essencial e substancial da Hespanha, se serve melhor retirando-nos nós para a zona da costa, para aquela zona costeira que, duma forma segura e pouco dispendiosa, possa ser defendida, e dali, não nos preocuparmos nós com obras do protectorado a empreender, mas praticarmos lealmente o que em teoria é o protectorado: — esperar que os protegidos se dirijam ao protector e não sermos um protector que violenta o protegido.

#### **Um falso caso de honra nacional**

É necessário também ir ao encontro duma objecção possível: — o eterno problema do prestígio, da honra nacional.

Nós inventámos em Hespanha tantos problemas, tantos casos de honra em cuja resolução temos perdido honra e proveito, que temos obrigação de estar suficientemente escarmentados para improvisar um que não existe. Em Marrocos não se debate nenhum problema de honra hespanhola.

«Fomos agredidos, ripostámos à agressão, fomos

até onde quisemos e não até onde quiseram atrair-nos os outros; o nosso exercito, uma vez reposto e preparado, não teve uma derrota. Não. Não há em Marrocos um caso de honra nacional.

Em conclusão, entendo que deve dar-se por terminada a actual campanha, repatriar-se o exercito... Que, emquanto à nossa acção ulterior, a nossa finalidade a cumpriremos com uma zona limitadissima de ocupação na costa, a necessária para a defendermos com eficácia e com o menor sacrificio... E que a acção do protectorado não hade ser uma acção imposta, mas uma acção reiteradamente solicitada pelos mouros.

#### **Os verdadeiros problemas de Hespanha**

Livres desta preocupação, muito poderemos fazer a favor da Hespanha; a hora é oportunissima para isso; temos muitos problemas interiores de cuja solução depende a força interior e o prestígio exterior da Hespanha. Temos o problema que contribui para a mais efusiva e grata convivencia dos diferentes núcleos etnicos da Hespanha, reconhecendo-lhes as suas personalidades distintas. E é este problema o que devemos abordar com um criterio de mais franca cordealidade e mútua transacção, e sem o menor receio preconcebido. Temos o problema social, que muitos julgam suprimido quando apenas se está incubando uma explosão mais violenta do que a que já sofremos; devemos preocupar-nos com a criação duma cultura e de uma justiça que não existe, de algo que transforme esta caricatura de Estado num verdadeiro Estado. E se quisermos ter um ideal exterior, crêde-me que um ideal pan-ibérico e um ideal pan-hispânico podem dar-nos muito maior gloria e proveito que essas andantes cavalarias em que estamos cavando a nossa perdição».

